

**E**xistem chances sólidas de consagração de “Ainda Estou Aqui” na frente do Filme Internacional, apesar do prestígio do misto de thriller e drama “A Semente do Fruto Sagrado”, dirigido pelo iraniano Mohammad Rasoulof, que concorre pela Alemanha. Como o cineasta é proscrito em sua pátria, sob a acusação de ferir a dignidade nacional com suas denúncias de crimes de estado, ele fez ninho em terras germânicas, que coproduzem a fita. Fala de um juiz que enlouquece ao perder uma arma e se volta contra a mulher e as filhas. O longa ganhou o Prêmio Especial do Júri de Cannes, em maio passado, mas teve uma arrecadação ínfima em circuito (US\$ 5,7 milhões). É nesse quesito, faturamento, que o longa de Walter Salles encontra um de seus diferenciais.

Estrela dos humorísticos “Os Normais” e “Tapas e Beijos” e de peças teatrais populares como “A Casa dos Budas Ditosos”, Fernanda Torres foi indicada ao Oscar por seu desempenho no papel da advogada e ativista Eunice Paiva (1929-2018), dividido entre ela e sua mãe, a diva Fernanda Montenegro, em fases distintas da vida da personagem.

Em 1971, Eunice teve seu marido, o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva (vividido por Selton Mello), levado para depor por agentes armados do estado, em seus tempos de farda verde oliva. Nas décadas seguintes, ela se embrenhou numa busca pelo paradeiro dele e numa cruzada contra a tortura e os crimes do governo militar. É essa peleja que faz de “Ainda Estou Aqui” um rasga-coração por onde passa, desde sua primeira exibição, em setembro, no Festival de Veneza, onde ganhou a láurea de Melhor Roteiro.

Na frente das atrizes, enxerga-se o favoritismo de Demi Moore, por seu comeback (jargão pop para regresso à ribalta) em “A Substância”, terror hoje em cartaz no streaming MUBI. O que faz dela “favorita” foi a conquista do prêmio do Screen Actors Guild (SAG), o sindicato de atores dos Estados Unidos, que é a massa votante mais volumosa da Academia. Nalgumas ocasiões, essa condição de “já ganhou” atribuída pelo SAG bateu na trave. Ano passado mesmo, houve um caso desses. Lily Gladstone foi laureada pela instituição sindical, por “Assassinos da Lua das Flores”, e, na hora H, perdeu para Emma Stone, em “Pobres Criaturas”. Logo, Torres pode, sim, ser agraciada com um troféu dourado neste domingo. Estima-se que seu discurso terá mimos para a mãe, Fenandona, que quase foi oscarizada em 1999, por “Central do Brasil”, também de Waltinho, perdendo para Gwyneth Paltrow em “Shakespeare



Ainda Estou Aqui

# Ainda estamos sonhando



Conclave

Apaixonado”.

De volta à ficção depois de um hiato de doze anos, iniciado depois de ter laçado “Na Estrada”, em 2012, Walter conseguiu um feito raro ao disputar no terreno do Melhor Filme. Em 1986, o Brasil foi concorrer nessa mesma franja (a de maior relevo da Academia) com “O Beijo da Mulher-Aranha”. A adaptação cinematográfica do romance homônimo de Manuel Puig (1932-1990) foi produzida pela FilmDallas Pictures em duo com a paulistana HB Filmes. Concorreu também na categoria de Melhor Direção, representada

Divulgação



Wicked

pelo argentino de Mar Del Plata naturalizado brasileiro Hector Eduardo Babenco (1946-2016). Acabou que o longa com Sonia Braga só venceu noutra latitude, a de Melhor Ator, celebrizando William Hurt (1950-2022).

É praxe as vitórias de Melhor Filme ficarem com concorrentes norte-americanos ou ingleses, só que algumas exceções de fizeram notórias neste século. Em 2012, “O Artista”, uma aula de memorialismo em PB de Michel Hazanavicius, assegurou o Oscar de Melhor Filme para a França. Em 2020, foi a vez da Coreia do Sul, com “Parasita”, de Bong

Joon Ho.

Este ano, os nove rivais de “Ainda Estou Aqui” são: “Duna: Parte II”; “O Brutalista”; “Anora”; “Um Completo Desconhecido” (cinebiografia do cantor Bob Dylan, que estreia no Brasil nesta quinta-feira); “Wicked”; “Conclave”; “Nickel Boys”; o supracitado “A Substância”; e “Emilia Pérez”.

Este último, musical, foi o longa com mais indicações no geral (13 ao todo), mas despencou nas especulações depois do vazamento de uma série de postagens de tom ofensivo (racistas inclusive) de sua estrela, a